

# Relações entre escritores galegos e brasileiros no exílio espanhol: o testemunho de Lorenzo Varela e de Newton Freitas

M<sup>a</sup> VICTORIA NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ

Universidad Complutense de Madrid

No ano de 2005, por ocasião do Dia das Letras Galegas, dedicado ao escritor Lorenzo Varela, realizaram-se muitos trabalhos sobre a sua vida e a sua obra. Contudo, há um aspecto que, na minha opinião, não tem sido desenvolvido com a devida atenção. Trata-se da sua relação com os intelectuais brasileiros.

Baseando-me nos textos conhecidos do autor galego –nas revistas que dirigiu, ou naquelas em que participou em Espanha e na América, e nos livros que traduziu– tenciono fazer um inventário das ocasiões em que o mundo brasileiro está presente na sua produção. Para isso, tenho analisado, além das revistas espanholas em que colaborou, as revistas publicadas no México, *Romance* e em Buenos Aires, *De Mar a Mar* e *Correo Literario*, para chegar à conclusão de que não são poucas as ocasiões nas quais a presença brasileira aparece em destaque.

## 1. LORENZO VARELA (LA HABANA, 1916 - MADRID, 1978)

Lorenzo Varela, nome artístico pelo qual é conhecido Xesús Manuel Lorenzo Varela Vázquez –sinónimo para alguns (Alonso Montero, 1977), para outros (Quintá García, 2005: 9-10) abreviatura do seu nome– nasceu no barco «La Navarre» (Salgado, 1995: 17), a caminho da emigração para La Habana, em 10 de Agosto de 1916. Embora os seus pais fossem naturais do concelho de Monterroso em Lugo<sup>1</sup>, viveu a sua primeira infância em La Habana e em Buenos Aires, passou a sua adolescência em Lugo e a

<sup>1</sup> Para mais informação *vide*, por exemplo, Lopo (2005: 102-103).

sua juventude em Madrid. Mais tarde, exilou-se, primeiro, em Montevideo, depois, no México e ainda em Buenos Aires, para, finalmente, regressar a Madrid em 1976, onde faleceu depois de 35 anos de involuntário afastamento<sup>2</sup>.

Durante a sua adolescência em Lugo, L. Varela já mostrava preocupações intelectuais e políticas junto dos seus amigos Ánxel Fole e Ramón Piñeiro, ‘Os tres irmáns’ do poema<sup>3</sup>, pois vemo-lo ocupando um lugar importante na organização das «Mocidades Galeguistas», no tempo em que militava no trotskismo (Salgado, 2005a: 30).

### 3. LORENZO VARELA E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Durante a Guerra Civil espanhola, filiado no Partido Comunista e distanciado do trotskismo, a rubrica do escritor estará presente em numerosas publicações na zona republicana (Ferreiro Fente, 2005: 44 e ss.). São textos<sup>4</sup> que falam em castelhano de batalhas e de heróis da resistência, das brigadas internacionais: ‘Romance de Fernando de la Rosa’ (Bernárdez, 2005: 79-80), publicados em *El Mono Azul* (1936-1939) (Salgado, 2005a: 105); «Contra viento y marea. De la disconformidad a la comodidad y otras cosas», em *Hora de España* (1937-1938); «Literatura de guerra» em *Ahora. Diario de la Juventud* (Rodríguez Fer, 1999: 1324). Contudo, a partir de 1937, o escritor vai abandonar a sua actividade literária para centrar-se na sua tarefa política e militar (Ferreiro Fente, 2005: 54). Depois de ler os seus textos de guerra (Rodríguez Fer, 1999: 1325 e ss.) podemos concluir, para o assunto em estudo que, nas relações entre Varela e os intelectuais brasileiros, que nesta primeira etapa da vida do escritor –1934-1939– se existiu uma possível preocupação ou relação com o mundo brasileiro, não ficou, não entanto, documentação a esse respeito. Após a queda de Catalunha, em 1939, Lorenzo Varela atravessa a fronteira francesa e é conduzido ao campo de refugiados de Saint Cyprien<sup>5</sup> (F. Salgado, 2005a: 120), onde permanecerá até conseguir a sua saída para o México (Bernárdez, 2005: 33).

<sup>2</sup> Podemos ver um bom resumo da sua vida e obra em Axeitos (ed.) (2000: 7-34) ou F. Salgado (2005a). Alguns estudiosos do autor são, entre outros, Ferreiro Fente e Alonso Montero.

<sup>3</sup> Escrito em 1940 e inédito até 1945. Existe outra versão feita por Seoane em 1979a. *Vide* a este respeito Ferreiro Fente (1997: 83 e ss.) e García López (2005: 119-124).

<sup>4</sup> *Vide* a este respeito Ferreiro Fente (1999: 533).

<sup>5</sup> Para mais informação sobre os campos de concentração em França em que pôde estar Lorenzo Varela *vide* F. Salgado (1995: 118, n. 10).

## 4. O EXÍLIO (1939-1976)

### 4.1. O exílio no México (1939-1942)

Em Maio de 1939, o autor parte (F. Salgado, 2005a: 130) no barco Sinaia para Vera Cruz. Alí aguardam-no no porto, entre outros, León Felipe e Octavio Paz. Este último, introduzi-lo-á nos meios intelectuais mexicanos e oferecer-lhe-á a possibilidade de escrever na revista *Taller* (1939-1941).

#### *Romance (1940-1941)*

Durante os dois anos que viveu no México, o autor participou em importantes iniciativas culturais, a mais significativa talvez seja a criação da revista *Romance. Revista Popular Hispanoamericana* (1940-1941), da qual foi co-director, juntamente com Sánchez Barbudo (Bernárdez, 2005: 33). No México, começa a alargar-se o horizonte temático do autor ao propôr-se que a revista *Romance* tenha um carácter popular, que abranja temas de história, arte, literatura, física, direito, filosofia, etc. e que esteja aberta a todos os países americanos. Eis aí onde aparece, pela primeira vez, o termo Brasil nos textos ou nas iniciativas editoriais do nosso escritor. Assim, o modelo que tinham seguido os intelectuais espanhóis exiliados quando criaram revistas do outro lado do Atlântico, a *Revista de Occidente*, de José Ortega y Gasset e *Cruz y Raya* de José Bergamín, vê-se alterado com a proposta inovadora de acrescentar entre os seus objectivos, com palavras de Lorenzo Varela (1979): «la América de habla española, y hasta donde hemos podido la de habla portuguesa, fueron incorporadas, es decir, pasaron a ser un mismo cuerpo, con nuestra tradición viva y con una misma ‘nostalgia de futuro común» (p. VI).

Se é certo que as colaborações propriamente ditas de intelectuais brasileiros na revista *Romance* não existem, é verdade que aparecem nela, desde o primeiro número, aspectos da cultura brasileira. Assim, vemos notícias sobre o êxito em Paris do ballet Jurupary, a representação da ópera *Ponaim* de Víctor Neves, no Rio Grande do Sul e a cátedra de música que conseguiu, na Universidade do Rio de Janeiro, o bibliotecário do Instituto Nacional de Música<sup>6</sup>. O número 2, em «Libros y Revistas. Brasil», dá conta das publicações de Sílvia Guaspari e de Ênio de Freitas e Castro<sup>7</sup>. Em «Revistas de Revistas. Brasil» mencionam-se as de *Ciências e Letras* e *Seiva*<sup>8</sup>. No mesmo número informa-se da cidade brasileira na qual se vende *Romance*<sup>9</sup>, informação

<sup>6</sup> Ano I, nº 1, 1940: 15.

<sup>7</sup> Ano I, nº 2: 15.

<sup>8</sup> As transcrições de autores e títulos apresentam várias erratas que tratamos de evitar. Ano I, nº 2: 22.

<sup>9</sup> Ano I, nº 2: 23.

que torna a repetir-se no número seguinte, na mesma página. O número 3 em «La situación de algunos intelectuales» dá conta do centenário de Machado de Assis<sup>10</sup>, cuja obra *Dom Casmurro* tinha sido traduzida para francês. Na secção de «Bibliografía» anuncia-se um total de treze livros, originais ou traduzidos, publicados no Brasil. Em alguns, até se inclui uma pequena informação explicativa, provavelmente graças a Lorenzo Varela, pois ele era o responsável desse apartado (Pérez Rodríguez, 2005: 51)<sup>11</sup>. O número 4 de «Revistas de Revistas», anuncia a publicação mensal da italo-brasileira<sup>12</sup> *Augusta*.

Até ao número 10 «Revistas de Revistas», não voltamos a encontrar outras referências brasileiras mas anuncia-se com um certo cuidado a revista *Diretrizes*<sup>13</sup>.

«Últimas ediciones y noticias», do número 11 (p. 20), informa da chegada de Gabriela Mistral a Brasil e da tradução que Jorge Amado está a fazer de *Doña Bárbara*. Termina a coluna com «Nuevas ediciones de libros brasileños»<sup>14</sup> como a de Jorge Amado, *A.B.C. de Castro Alves*.

Agora há um salto informativo. No número 14, «Bibliografía» apresenta uma breve notícia sobre um texto de Carlos Alberto Clulow<sup>15</sup>, e «Revistas de Revistas» anuncia *Revista das Academias das Letras e Augusta*. «Biografía» inserta *Zaratrasta Morreu*, editado em São Paulo<sup>16</sup>. O número 16, o último em que Lorenzo Varela participou por desavenças com os editores, em «Revista de Revistas», inclui a notícia de *Revista das Academias de Letras y Belas Artes*<sup>17</sup>. O número 18, «Últimas ediciones y noticias», informa da chegada de professores brasileiros a Montevideo para darem uns cursos<sup>18</sup> e «Bibliografía» menciona um livro de Melo Jorge sobre Eça de Queiroz<sup>19</sup>. Nesta última secção, o número 19 tem dezassete títulos editados no Brasil –originais

<sup>10</sup> Ano I, nº 3: 20.

<sup>11</sup> Reinaldo Moura: *Noite de Chuva*. Cero Martins: *Enquanto as aguas correm*. Emil Ludwig: *Memorias de un cazador de homens* (Trad. de Mario Quintana). H. W. Van Loon: *As Artes*. Trad. de Mário Guaspari. Darcy Azambuja: *A prodigiosa aventura*. José Conrad: *Lord Jim*. Trad. de Mário Quintana. Souza Junior: *Enquanto a morte não vem*. *Memorias do Conselheiro Francisco da Silva (O Chalaca)*. Marqués Rebelo: *A estrela sobe*. Raquel de Queiroz: *As tres Marias*. Telmo Vergara: *Estrada perdida*. Octavio de Faria: *Tragedia burguesa*; II *Os caminhos da vida*. Tristão de Athayde: *Contribuição a história do modernismo: o premodernismo*. *Romance*, Ano, I, nº 3: 22.

<sup>12</sup> Ano I, nº 4: 22.

<sup>13</sup> Ano I, nº 10: 22. Inclui de Jorge Amado *ABC de Castro Alves*. *Biografía del poeta*.

<sup>14</sup> Ano I, nº 11: 20.

<sup>15</sup> Ano I, nº 14, 1941: 22.

<sup>16</sup> Ano I, nº 14: 23.

<sup>17</sup> Ano I, nº 16: 23.

<sup>18</sup> Ano I, nº 18: 20.

<sup>19</sup> Ano I, nº 18: 22.

ou traduzidos—, alguns já publicitados em números anteriores, que vão desde a pedagogia à história e à crítica<sup>20</sup>.

O número 20, «Libros recibidos», refere a tradução de *Mar muerto*<sup>21</sup> de Jorge Amado, e uma série de revistas na secção correspondente<sup>22</sup>. «Bibliografía» do número 22 faz referência à publicação de Ivan Lins sobre Ruiz de Alarcón<sup>23</sup>, e «Revistas de Revistas» dá conta de *Seiva, Terra Imatura, Aspectos, Ciências e Letras, Augusta e Estudos* (p. 23). O número seguinte, o 23, e na mesma secção indicam-se as revistas *Estudos e Aspectos* (p. 23). Braulio Sánchez-Sáez escreve no último número da revista, o 24, um artigo longo sobre o panorama editorial brasileiro na secção «Últimas ediciones y noticias. Literatura de Brasil. Hombres y libros del pasado año»<sup>24</sup>, com referência a, entre outros, Drummond de Andrade, José de Alencar ou Jorge Amado; em «Bibliografía», há informação sobre textos de literatura, direito e política<sup>25</sup> e na de «Revistas de Revistas» a publicação do número 24 de *Aspectos* (p. 23). A partir do número 17, talvez não se deva atribuir esta informação a Lorenzo Varela, visto que ele já não tinha responsabilidades na revista, a não ser que se possa aceitar como premissa que os encarregados dos números seguintes «pudieron usar el material acumulado por nosotros, o el que estaba en camino» (Sánchez Barbudo, 1974: 4).

A saída de L. Varela da revista *Romance* será um duro golpe para o escritor e, em parte, o motivo pelo qual decidirá ir para a Argentina (F. Salgado, 2005a: 174). Mas durante a etapa mexicana, Varela deixou provas de uma grande vitalidade cultural nas suas colaborações em jornais *El Nacional* e *El Popular* (Salgado *et alii*, 2005: 20), em revistas como *Letras de Méjico* (Ferreiro Fente, 2005: 72) e na publicação do seu primeiro livro de poemas em castelhano, *Elegías españolas*, em 1940 (Bernárdez, 2005: 36-39).

#### 4.2. O exílio em Argentina (1942-1947)

Chega o nosso autor, em princípios<sup>26</sup> de 1942, a Buenos Aires com a intenção de se instalar na cidade onde residia o seu pai. Arturo Cuadrado, Rafael Dieste, amigos dos dias anteriores à Guerra Civil, o seu pai e Luís Seoane, aguardam-no no porto (Ferreiro Fente, 2005:72).

<sup>20</sup> Ano I, nº 19: 22.

<sup>21</sup> Ano I, nº 20, 1941: 15.

<sup>22</sup> Ano II, nº 20: 23.

<sup>23</sup> Ano II, nº 22: 22.

<sup>24</sup> Ano II, nº 24: 20.

<sup>25</sup> Ano II, nº 24: 22 e 23.

<sup>26</sup> Alguns críticos recuam a data a Dezembro de 1941, por exemplo, Bernárdez (2005: 43).

### *O café Tortoni*

Na altura em que Lorenzo Varela se instala em Buenos Aires, os seus amigos proporcionam-lhe um sítio no café Tortoni. O Tortoni<sup>27</sup> é um lugar de encontro de emigrantes e de exiliados, homens de artes, letras e pensamento que, procedentes de diferentes culturas, se identificam com os maltratados do mundo e acreditam na capacidade do homem para mudar o rumo da história (F. Salgado, 2005a: 180). Frequentavam este café, entre outros, Luís Seoane, Otero Espasandín, Rafael Dieste, Ramón de Valenzuela, Alberti, Guillermo de Torre. Assistiam ainda intelectuais europeus e americanos como o pintor italiano Attilio Rossi<sup>28</sup> ou o brasileiro Newton Freitas (F. Salgado, 2005a:180 e n. 6). Newton de Freitas Coutinho (Vitória 1909-Rio de Janeiro 1996), teatrólogo, ensaísta, romancista e jornalista (D. Salgado, 2005: 142), que trabalhou no Ministério dos Negócios Extranjeros do Brasil e foi adido cultural na Bélgica, Inglaterra, México, Argélia, França e Espanha, além de director da Agência Nacional e divulgador da cultura brasileira<sup>29</sup>, deve ter conhecido Lorenzo Varela no referido café.

Desta convivência no Tortoni fala o próprio Freitas quando escreve no *Requiem* por Seoane, em 1979:

yo me sentía en casa. La simpatía brotaba espontánea como si se tratase de hermanos en lengua y cultura (p. 97).

[Seoane] conseguía canalizar las cualidades de los demás pela sencilla razón de que él mismo era capaz de realizar aquello que los demás le exigían. Así, Lorenzo Varela (¡ah, Varela!), Arturo Cuadrado, Rafael Dieste, Isaac Díaz Pardo [...] Luis Baudizzone [...] aceptaban participar en el esfuerzo titánico que desenvolvía Seoane. [...] Me enorgullece haber participado de ese esfuerzo febril, de esa época inquieta e irrepertible (p. 98).

Diz Seoane (1979: 11) do grupo do Tortoni, referindo-se a Lorenzo Varela, Newton Freitas e à língua portuguesa:

<sup>27</sup> O estabelecimento, situado na Avenida de Maio, nº 829, tinha sido fundado em 1858, e era lugar de tertúlias; nelas participaram, por exemplo, García Lorca, Pirandello, Gardel, Borges, Alfonsina Storni, Benavente, e um longo etcétera.

<sup>28</sup> Veja-se a relação em Seoane (ed.) (1979: 11). *Vide* também X. Alonso Montero (1994), ou F. Salgado (2005: 180 e n. 6). Comtudo, convém lembrar que as relações que existiam entre artistas e escritores argentinos e brasileiros vinham-se desenvolvendo pelo menos desde os anos 20, como se pode ver, por exemplo, nas revistas vanguardistas *Martín Fierro* de Argentina e *Festa* de Brasil (Alcalá, 1990).

<sup>29</sup> Eis alguns títulos: (1936): *O genial Rebouças*. Teatro. (1937): *Porão*. Romance. (1939): *Diez escritores de Brasil*. Com Lúcia Besouchet. Buenos Aires. (1942): *Brasil-Argentina: Breve esbozo histórico-comercial*. Buenos Aires. Coleção Problemas Americanos, dirigida por Newton Freitas.

Por vegades facíanos compañía [...] o escritor brasileiro Newton Freitas. No grupo ese inicial de galegos: Dieste, Otero Espasandín, Colmeiro, Baltar, Varela..., considerábanos todos como irmáns [...]. Éramos irmáns verdadeiros. [...] Soñamos con editoriales que nunca, a pesar da nosa esperencia, poderíamos facer en calquer cidade de Galicia, imprimindo en idiomas galego, castelán e portugués.

Pouco mais informação podemos recolher sobre a biografia de Newton Freitas. Pelo texto referido se deduz que era democrata, liberal esquerdista e revolucionário (de facto, refugiou-se em 1935, por razões políticas na casa do antifascista Battisteli, exilado no Brasil). Não só encontramos em Buenos Aires relações de Lorenzo Varela com o escritor Newton Freitas mas também com o pintor, naturalizado brasileiro, Carybé, ou com Jorge Amado, do qual Varela traduziu dois romances. O nosso escritor conheceu Carybé, provavelmente, durante a sua estadia na Argentina. Por exemplo, sabemos que ambos colaboraram no jornal *La Nación* (Furrer, 1989: 434). A Carybé dedica a L. Varela o poema «Versos de ciego para un pintor sonoro», em 1949<sup>30</sup> (Furrer, 1989: 66) e que o referido pintor vendeu dois quadros por meio de Lorenzo Varela e de Arturo Cuadrado. Esta amizade estendeu-se a Jorge Amado. Em carta que Carybé escreveu, em 1967, desde a Bahia a L. Varela, anuncia a sua viagem a Sevilha e finaliza esta com cumprimentos do romancista citado (F. Salgado, 2005a: 305, n. 17)<sup>31</sup>. Aliás Carybé<sup>32</sup> traduziu, em 1945, para o espanhol (e também ilustrou), *Macunaíma* de Mário de Andrade (Furrer (ed.), 1989: 434), com o conselho de Newton Freitas e a colaboração de Lorenzo Varela, segundo comenta Lúcia Besouchet (1989: 61).

A obra de autores brasileiros teve lugar nas revistas criadas pelos galegos que viviam no exílio americano, mas também aconteceu o contrário. Por exemplo, no que se refere a Lorenzo Varela sabemos que houve uma recensão a *Catro poemas galegos* em *O Jornal* de São Paulo e de *Lonxe* por Lúcia Besouchet, em 1944 (Callón, 2005: 75) (depois reproduzida em 1959 em *Galicia emigrante*)<sup>33</sup>. L. Varela através da língua

<sup>30</sup> Seoane (ed.) (1979). Também in Furrer (ed.) (1989).

<sup>31</sup> Os contactos do pintor com o mundo galego devem ter continuado ao longo dos anos pois apresentou uma exposição na Casa de Galicia em Madrid em 1996.

<sup>32</sup> Mas os vínculos de Carybé com os intelectuais galegos residentes em Buenos Aires não dizem respeito apenas a Varela pois ele ilustrou, por exemplo, o artigo de Luís Seoane, «El terror fascista», publicado no jornal *Crítica* (3-XI-1936) (Axeitos, 2003: 138).

<sup>33</sup> Seria necessário rever também a imprensa da época no Brasil para localizar outros casos de difusão de autores galegos no referido país. Por exemplo, Salazar Bondy assina um artigo «Essência Humana de César Vallejo» (pp. 212 e ss.). Aliás, devemos lembrar que alguns escritores galegos viveram no Brasil como Álvaro das Casas (Alonso Montero, 1995: 95) (Rodríguez Fer (1994: 194-195) o que não é de estranhar porque, segundo documentação recolhida por Soutelo Vázquez (1998: 99 e 106, n. 14), a emigração galega para o Brasil foi a mais importante depois da de Cuba e Argentina.

galega chegou ao português e à literatura brasileira, da qual «acabou sendo un experto» (F. Salgado, 2005a: 229). Visitou esse país em várias ocasiões, por exemplo, em 1960, na viagem de lua de mel ao Rio de Janeiro (F. Salgado, 2005a: 287) ali se refugiou na segunda presidência de Perón (*idem*, p. 105) e também antes de regressar definitivamente a Madrid, como se lê na carta que escreve a sua mulher Marika Gerstein em 1978<sup>34</sup>. Voltando à relação que existiu entre Lorenzo Varela e Newton de Freitas temos que dizer, a partir da documentação que conhecemos<sup>35</sup>, que a amizade entre ambos manter-se-á até ao final dos seus dias. Assim, quando em 1941, chega o escritor galego à Argentina sabe-se que, desde 1939, já está lá a viver o brasileiro, segundo um escrito deste último (1944:1): «Entre o ano 1939 e o de 1944 mais de cem vezes discuti com Reinaudi diversos pontos de vista: por coincidência, talvez de sermos os dois provincianos ou recém chegados a Buenos Aires».

São várias as editoriais que foram surgindo das mãos destes exilados galegos na Argentina e nas que colaborou de diversas maneiras L. Varela<sup>36</sup>. No discurso de ingresso na Real Academia Galega, Xosé Neira Vilas (2001: 23) dá conta das editoriais Emecé Editores (1939-1943), onde Newton Freitas publica em 1943, *Los Braganza*, e em 1947, o romance traduzido *El mestizo*. Esta editorial teve, aliás, várias colecções; numa delas, «Buen Aire», publicará o brasileiro, em 1942, *Alôs Afro-Brasileños*, edição a cargo de Luis M. Baudizzzone, Arturo Cuadrado e Luís Seoane.

Imediatamente depois, em 1943, funda-se a Editorial Nova, dirigida por Luís Seoane e Arturo Cuadrado, com diversas colecções. Em «Tierra Firme» sairá à luz *Don Casmurro* de Machado de Assis. Em «Mar Dulce» publicar-se-á em 1943, *Amazonia: Leyendas Ñangatú*, seleccionadas por Freitas e em 1944, do próprio *El 'Alejadinho'* de António Francisco Lisboa, em 1946, *Garibaldi en América* de N. Freitas. Na colecção «Biblioteca Histórica» edita-se, em 1945, *Viajes y cautiverio entre los caníbales*, de Hans Staden, traduzido do português.

Em 1947, começa o seu trabalho na Editorial Botella al Mar, dirigida por Arturo Cuadrado e Luis Seoane. No ano seguinte, publicam de N. Freitas, *Flávio de Carvalho*<sup>37</sup>, na colecção, «La sirena escondida»; em 1949, *Jaburuna: Cuentos y relatos* do mesmo; e em 1953, de Drummond de Andrade, *Dos poemas* (Neira, 2001: 23). Aliás Carybé, em 1948, escreve e ilustra *Ajtuss* nesta mesma editorial, com prólogo de N. Freitas,

<sup>34</sup> Salgado (ed.) (2005: 87).

<sup>35</sup> Fernando Stornik, filho de Marika, a sua mulher, tem em seu poder a correspondência entre os dois escritores. A sua consulta pode dar notícias de como se desenvolveu a sua amizade no interregno que vai desde 1945, data da saída do brasileiro da Argentina, até 1976, data do reencontro em Madrid.

<sup>36</sup> Mencionam-se agora como base para argumentar as estreitas relações que existiram entre Seoane, Cuadrado, Varela e os intelectuais brasileiros.

<sup>37</sup> É o mesmo texto que se encontra editado em *Cultura*, Ano I, n.º 2: 267-269.



«Dedicado a Mário de Andrade que corre agora nos vastos campos do céu» (Furrer (ed.) 1989: 435).

A editorial Atlântida, pelo seu lado, tinha posto na rua, em 1941, com desenhos de Castelao, *Los sertones* de Euclides da Cunha. Ali, Lorenzo Varela traduz e prorroga, em 1943, *Cantos y leyendas brasileñas* de, entre outros, o seu amigo brasileiro, livro do qual fará uma recensão Luís Seoane, para a editorial Poseidón.

Em 1942, o nosso escritor tinha começado a colaborar na revista *Sur* (1931-1970), onde publica a-recensão de *Vaga música* de Cecília Meireles (Pérez Rodríguez, 2005: 468-469), e, em castelhano, o seu próprio livro de poemas *Torres de amor*<sup>38</sup> (Salgado, 2005:185).

#### *De Mar a Mar (1942-1943)*

A primeira menção explícita da relação literária entre o brasileiro e Lorenzo Varela surge na revista *De Mar a Mar*. Nesta publicação, da qual é co-director e co-secretário L. Varela, ele fala, no momento da edição facsimilar da mesma em 1979, da importância que teve Newton Freitas no propósito editorial:

Intentar simbólicamente el logro de cierta comunicación o diálogo entre las playas de América y de España [...]. Fui yo mismo quien propuso el título a los demás amigos, tanto argentinos como españoles, más un italiano, el pintor y diseñador gráfico –Attilio Rossi–, que fue decisivo para la empresa, y un brasileño –Newton Freitas–, en el que se encarnaban, personalísimamente, los ritmos que podían expresar algo que por entonces fue bautizado risueñamente como una civilización afroeurogalaicoamericana (*apud* F. Salgado, 2005a: 186).

*De Mar a Mar* (1942-1943) é a primeira das três grandes revistas que L. Varela vai co-dirigir na Argentina com Arturo Serrano Plaja<sup>39</sup>. O espírito que abrangia a cultura de ambos os lados do Atlântico surge no prólogo da revista. Diz o nosso autor em 1979:

Intentaba dar cauce y corriente viva a la voluntad [...] del mundo del espíritu esparcido en esa parcela [...] del universo humano que llamamos ‘lo iberoamericano’, un claro misterio que tiene por costado atlántico a Portugal y Galicia, en Europa, y por amplio pecho saliente, también sobre el Atlántico a Brasil, en América (p. V).

<sup>38</sup> Este livro de poemas, próximo da geração do 27, refere as vivências da Guerra Civil e a saudade pelo afastamento da sua terra (Bernárdez, 2005: 47-48).

<sup>39</sup> Fundada por Lorenzo Varela, José Otero Espasandín e Arturo Serrano Plaja, com formato semelhante ao de *Hora de España*.

Segue o escritor no mesmo sentido:

*De Mar a Mar* como *Romance* [...] representó un momento [...], en que, [...] se estableció a través de los mares, un puente firme, de verdad común, [...] entre los pueblos de la América de habla española y España. (Con un modesto intento de inclusión en la misma área, de la América de habla portuguesa) (pp. VIII-IX).

É certo que o prólogo surge cheio de expectativas interculturais hispano-brasileiras mas a consulta do interior dos únicos sete números, pode conduzir a certa desilusão. Mas, se analizarmos com cuidado o conteúdo dos números constataremos um total de contributos razoáveis.

A presença brasileira é essencialmente assinalada pela colaboração de N. Freitas<sup>40</sup>, como se vê nas folhas de rosto dos números 1 e 2. No número 3, de 1943, Newton Freitas adquire maior relevo, pois aparece na capa, na contracapa e na secção Notas com uma recensão do seu compatriota Jorge de Lima, *Calunga*<sup>41</sup>. No número 4, desaparece o brasileiro da capa mas mantem-se no Sumário e nas Notas com uma informação sobre a coleção que dirigem os seus amigos Baudizzone e Seoane<sup>42</sup>. Também esta presença do Brasil se vê reforçada pela inclusão da publicidade da Editorial Nova de *Don Casmurro* de Machado de Assis, nos números 1 (pag. 57), 3 (pág. 59) e 4 (pág. 51). Javier Farías faz uma recensão de Carybé<sup>43</sup> no número 6 e, por último, Jorge Bogliano, no número 7, também escreve sobre *El conventillo* de Aluizio de Azevedo, com prólogo de N. Freitas. Como curiosidade, pode citar-se o anúncio de uma companhia brasileira que oferece contactos com as suas homólogas argentinas, nos números 1 (pág. 58) e 2 (pág. 56).

#### O *Correo Literario* (1943-1945)

Desaparecida *De Mar a Mar*, Lorenzo Varela, em 1943, funda e co-dirige com L. Seoane e A. Cuadrado a revista *Correo Literario*<sup>44</sup> (1943-1945) até que esta morre «abatida por el peso político» e por problemas económicos, depois de 40 números. O

<sup>40</sup> Alguns autores incluem também González Carbalho entre os intelectuais brasileiros (F. Salgado, 2005a: 188). Segundo as minhas informações era de origem galego-argentina.

<sup>41</sup> «Jorge de Lima e 'Calunga': 54-55.

<sup>42</sup> N<sup>o</sup> 4: 41-43.

<sup>43</sup> Héctor Julio Paride Bernabó, Carybé (1911-1997), nasceu em Lanús (Buenos Aires, Argentina) mas nacionalizou-se brasileiro; é autor de uma ampla obra com uma forte inspiração na cultura afrobrasileira; fez ilustrações, por exemplo, para livros de Mário de Andrade, García Márquez ou Jorge Amado.

<sup>44</sup> Para Bilbao (2005) uma das melhores do seu tempo na América; para Salgado (ed.) (2005) a melhor revista do exílio.

propósito dos seus fundadores seguia de perto o das anteriores *Romance* e *De Mar a Mar*; quer dizer, ser ‘un periódico para la mayoría, al servicio de la cultura hispano-americana, difundiendo sus valores en cuanto esté al alcance de sus posibilidades’ (F. Salgado, 2005a: 208). Embora nas suas palavras programáticas o *Correo Literario* se proponha não ser um jornal político, de facto as suas colaborações, embora essencialmente literárias, representam um pluralismo estético e ideológico, e mostram uma tendência de acordo com o esquerdismo dos seus directores, em palavras de Alonso Montero (1995: 9).

Por isso, nas suas páginas aparecerão intelectuais, artistas e escritores, da América do Sul, de língua espanhola e portuguesa, além de galegos, castelhanos e brasileiros: R. Alberti, R. Dieste, Gil-Albert, Mário de Andrade, Octavio Paz, entre muitos outros.

A investigadora M<sup>a</sup> Antonia Pérez Rodríguez (2005: 87-88) refere que, embora o Brasil seja um país muito querido por Lorenzo Varela, a revista reflecte poucas notícias a esse respeito, reflexão esta que uma leitura mais demorada nos levará a uma rectificação.

Antes de mais nada, há que mencionar uma novidade: haverá no *Correo Literario* uma coluna fixa escrita em português. É a primeira vez que uma revista, na qual L. Varela tenha tido responsabilidade editorial, tem uma secção, «Colaboración en portugués», quase sempre nesta língua. Deste apartado vai ser responsável Newton Freitas, cujo retrato vemos nas capas do número 18 (1944) e do 26, até a sua partida para Paris, em 1945. Desta maneira, o brasileiro irá assinando textos de vária ordem: crítica de cinema<sup>45</sup> (na realidade, uma defesa dos símbolos e costumes americanos face aos europeus), a adaptação dos emigrantes<sup>46</sup> ao seu novo lar, as desavenças com os intelectuais «cargosos»<sup>47</sup>, de conteúdo social<sup>48</sup>, a libertação de França<sup>49</sup>. N. Freitas é também mais um redactor da revista que escreve sobre assuntos de actualidade: os actos que têm lugar na livraria e galeria «Sagitario» de Buenos Aires<sup>50</sup>, sobre a poeta uruguaia Orfila Bardesio<sup>51</sup>, faz uma análise do «Ano literario argentino»<sup>52</sup>, fala sobre o pintor francês Gilles de Latourette e sobre alguma personagem rioplatense (o

<sup>45</sup> «Cantinflas faz graça americana». Ano I, n° 1, 1943: 7. «Fragmentos». Ano II, n° 25, 1944: 7.

<sup>46</sup> «Preconceito ou Necessidade?». Ano II, n° 5, 15-I-1944: 7.

<sup>47</sup> «Em defesa dos ‘Cargosos’». Ano II, n° 12, 1944: 7.

<sup>48</sup> «Conceitos de Civilização». Ano II, n° 20, 1944: 7.

<sup>49</sup> «França-França Libertada». Ano II, n° 21, 1944: 7. «Ainda Paris». Ano II, n° 22, 1944: 7.

<sup>50</sup> «Uma exposição e um Concerto». Ano I, n° 3, 1943: 7.

<sup>51</sup> «Carrasco». Ano II, n° 4, 1944: 7.

<sup>52</sup> Ano II, n° 6, 1944: 7.

banqueiro René Berger)<sup>53</sup>, o romancista argentino Enrique Amorim<sup>54</sup> ou a escultora M<sup>a</sup> Carmen Portela<sup>55</sup>.

Também não estão ausentes os seus comentários sobre autores espanhóis como a recensão que faz a Francisco de Ayala do seu livro *Histrionismo y representación*<sup>56</sup>. A sua pena, às vezes, centra-se em temas galegos: escreve sobre Castelao<sup>57</sup>, faz uma recensão a *Historias e Invenciones de Félix Muriel* de Rafael Dieste<sup>58</sup>, fala sobre o livro de L. Seoane, *Homenaje a la Torre de Hércules*<sup>59</sup> e parece que conhece a obra de Rosalía de Castro. Vejamos estas linhas de 1989: «Dizem os galegos que quase todas as trovas ditas populares que correm as campinas da ‘terriña’ não têm origem popular, mas, ao contrário, nasceram da inspiração de Rosalía de Castro» (*apud* Silva, 1989: 153). A própria criação de Newton Freitas surge também na Revista: o seu Prefácio<sup>60</sup> a um livro de Luís Felipe de Melo; «Se fosse possível matar o tempo...»<sup>61</sup>; um fragmento de *Viagem*<sup>62</sup>; «Un caso sentimental»<sup>63</sup>; «João Experto ou o Reino das Tres Princesas»<sup>64</sup>. Mas Newton Freitas escreve, sobretudo, de assuntos brasileiros que ele conhece bem: o científico Carlos Chagas<sup>65</sup>, a escravidão<sup>66</sup>, a pintura<sup>67</sup>, a música<sup>68</sup> e a literatura. Neste sentido, refere com a excusa de uma recensão a Nicolás Guillén, a Mário de Andrade e a Jorge de Lima<sup>69</sup>; com motivo da representação de *Bodas de sangre*<sup>70</sup> dá uma visão peral do teatro de Brasil; dá conta de um congresso de escritores brasileiros e da sua importância como factores do câmbio político; comenta *Fogo morto* de José Lins do Rego<sup>71</sup>; escreve sobre a poeta «Cecília Meirelles», que

<sup>53</sup> «Dois Franceses no Rio da Prata». Ano II, nº 7, 1944: 7.

<sup>54</sup> «O ciclo novelista de Enrique Amorim». Ano II, nº 23, 1944: 7.

<sup>55</sup> «Fragmentos». Ano II, nº 25, 1944: 7.

<sup>56</sup> «Castagnino». Ano II, nº 14, 1944: 6.

<sup>57</sup> «Visitando Castelao». Ano II, nº 13, 1944: 7.

<sup>58</sup> Ano II, nº 6, 1944: 7.

<sup>59</sup> Ano II, nº 14, 1944: 7.

<sup>60</sup> Ano II, nº 11, 1944: 7.

<sup>61</sup> Ano II, nº 15, 1944: 7-8.

<sup>62</sup> Ano II, nº 17, 1944: 7.

<sup>63</sup> Ano II, nº 18: 7; e Ano II, nº 19, 1944: 7-8.

<sup>64</sup> Ano III, nº 28, 1945: 7.

<sup>65</sup> Ano II, nº 27, 1944: 7.

<sup>66</sup> «Palmarés, República Negra do Brasil». Ano III, nº 29, 1945: 7; e Ano III, nº 30, 1945: 7.

<sup>67</sup> «O Pintor Di Cavalcanti». Ano I, nº 2, 1943: 7. «Noemia y su pintura». Ano II, nº 13, 1944: 5. «Os croquis do Pintor Portinari». Ano II, nº 23, 1944: 7. «Carlos Chagas». Ano II, nº 27, 1944: 7.

<sup>68</sup> «Villa Lobos y la evolución musical brasileña». Ano II, nº 17, 1944: 8.

<sup>69</sup> Ano II, nº 8, 1944: 7. Refere a morte de Mário de Andrade em «Carta abierta». Ano III, nº 31, 1945: 2.

<sup>70</sup> «O teatro brasileiro e García Lorca». Ano II, nº 9, 1944: 7.

<sup>71</sup> Ano II, nº 14, 1944: 7.

acaba de traduzir *Bodas de sangre*<sup>72</sup>; também sobre Afonso Arinos de Mello Franco<sup>73</sup>, Amando Fontes<sup>74</sup>, Graciliano Ramos, Alencar, Machado de Assis, Graça Aranha, José de Alequer, Raul Pompeia, Aluizio de Azevedo, Lima Barreto<sup>75</sup>. Mas o contributo quantitativamente mais importante é a *Antología* da literatura brasileira que, a toda página, está no mesmo número 31 do *Correo Literario*<sup>76</sup> número que será o final da colaboração do brasileiro<sup>77</sup>.

Newton Freitas é também sujeito a recensões, comentários e análises das suas obras por parte dos seus compatriotas e dos seus amigos galegos. Por exemplo, L. S. (Luís Seoane) assina a recensão de *Cantos y leyendas brasileñas*, obra traduzida, como já se disse, por Lorenzo Varela<sup>78</sup>; na mesma página 6, anuncia-se *Amazonia*, reunião de mitos e lendas, recolhidos, como se viu, por N. Freitas e traduzidos por Luis M. Buadizzone, com desenhos de Carybé<sup>79</sup>. Mário de Andrade faz uma crítica ao autor e à obra de *Ensayos americanos*<sup>80</sup>. A sua monografia *O Aleijadinho*<sup>81</sup> anuncia-se na Editorial Nova e Raúl Navarro redige a recensão<sup>82</sup>. Lorenzo Varela, aliás, escreve em «Premáticas y desahogos», em tom de humor, uma recomendação ao brasileiro para que não organize o banquete dos intelectuais conhecidos como os ‘cargosos’, a causa dos problemas que daí lhe possam advir<sup>83</sup>. Sem dúvida, o autor brasileiro que mais vezes é referido, depois de Newton Freitas, como sujeito activo ou passivo, é Mário de Andrade. Além do texto já mencionado, dedicado a Freitas, encontramos o Prólogo que o autor fez para o álbum de desenhos de Lasar Segall<sup>84</sup> e uma coluna sobre o seu compatriota «El pintor Clovis Graciano»<sup>85</sup>. À sua morte a revista dedica-lhe várias homenagens ao longo de três números<sup>86</sup> onde intervêm, entre

<sup>72</sup> Ano II, nº 16, 1944: 7.

<sup>73</sup> Ano II, nº 24, 1944: 7.

<sup>74</sup> «Carlos Chagas». Ano II, nº 27, 1944: 7.

<sup>75</sup> Ano III, nº 31, 1945: 7.

<sup>76</sup> «Poética brasileira». Ano III, nº 31, 1945: 3.

<sup>77</sup> «Nuevas». Ano III, nº 32, 1945: 1. Onde se anuncia também a morte de Mário de Andrade.

<sup>78</sup> Ano I, nº 3, 1943: 6.

<sup>79</sup> Ano I, nº 3, 1943: 6. Também se anuncia a Editorial Nova: Ano, II, nº 4, 1944: 8; e em Ano II, nº 6, 1944: 6.

<sup>80</sup> «Newton Freitas». Ano II, nº 6, 1944: 1.

<sup>81</sup> Ano II, nº 17, 1944: 7. Ano II, nº 18, 1944: 6. Ano II, nº 19, 1944: 6. Ano II, nº 21, 1944. Ano II, nº 27, 1944: 6. Ano III, nº 28, 1945: 6; e Ano III, nº 29, 1944: 7. Esta editorial aparece anunciada com frequência ao longo da colecção.

<sup>82</sup>

<sup>83</sup> Ano II, nº 11, 1944: 2.

<sup>84</sup> Ano II, nº 14, 1944: 5.

<sup>85</sup> Ano II, nº 25, 1944: 5.

<sup>86</sup> Sem assinatura «La última entrevista de Mário Andrade». Ano III, nº 32, 1945: 2.

outros, Vinícius de Moraes, Sérgio Milliet, Drummond de Andrade,<sup>87</sup> ou Tristão de Athayde<sup>88</sup>. Jorge Amado é assim mesmo um dos escritores mais referenciados no *Correo Literario*, como também em *De Mar a Mar*. Informa-se da sua produção, por exemplo, que escreveu um novo capítulo de *El caballero de la esperanza*<sup>89</sup> e anuncia-se a publicação de *A vida de Luis Carlos Prestes*<sup>90</sup>. Outros brasileiros estão como colaboradores —é o caso de Sérgio Milliet<sup>91</sup>, Graciliano Ramos<sup>92</sup>, Lúcia Miguel Pereira<sup>93</sup>, José Lins de Rego<sup>94</sup>, Alfonso Arinos de Melo Franco<sup>95</sup> e, nos últimos números, Hildon Rocha<sup>96</sup>. Dão-se notícias também sobre Rubém Braga, Manoel Bandeira, Álvaro Lins, Jorge Lima<sup>97</sup> e José Lins do Rego<sup>98</sup>. Anuncia-se que está à venda *Don Casmurro* de Machado de Assis<sup>99</sup>, *Dom Pedro I de Brasil*<sup>100</sup>, *Caminos cruzados* de Erico Veríssimo<sup>101</sup>, *Brasil* de Luís Felipe de Melo<sup>102</sup> e as recentes publicações de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Vinícius de Moraes<sup>103</sup>.

Fazem-se recensões de arte, literatura e política de autores brasileiros, por exemplo, de Reinaldo Moura, *Mar do tempo*<sup>104</sup>, de Ana Amélia Carneiro de Mendonça<sup>105</sup>, *Dois meses entre os americanos*, de Moysés Vellinho, *Letras da Província*<sup>106</sup>, de Marques Rebelo *Vida e obra de Manuel Antonio de Almeida*<sup>107</sup>, de Graciliano Ramos, *Angustia*<sup>108</sup>. A presença feminina brasileira no *Correo Literario* vem da mão de Lídia Besouchet (Porto Alegre, 23 mayo 1908 - Rio de Janeiro 1997), que trabalhou os mais variados géneros pois foi desde romancista a biógrafa, contista,

<sup>87</sup> «Homenagem a Mário de Andrade». Ano III, nº 36, 1945: 3, 4 e 7.

<sup>88</sup> «Mário de Andrade». Ano III, nº 38, 1945: 2.

<sup>89</sup> «Nuevas». Ano III, nº 33, 1945: 1

<sup>90</sup> «Noticias de Brasil». Ano III, nº 38, 1945: 2.

<sup>91</sup> «Emiliano di Cavalcanti». Ano II, nº 8, 1944: 5.

<sup>92</sup> «Un nuevo profesor. Ano II, nº 21, 1944: 3.

<sup>93</sup> «Infancia». Ano III, nº 33, 1945: 4.

<sup>94</sup> «El maestro argentino». Ano III, nº 34-35, 1945: 4.

<sup>95</sup> «*Sur* (El medio intelectual argentino (1))». Ano III, nº 39, 1945: 1.

<sup>96</sup> «O cinquentenário de Jorge de Lima». Ano III, nº 39, 1945: 2. «Panorama literario». Ano III, nº 40, 1945: 7, com informações de outros escritores brasileiros.

<sup>97</sup> Ano III, nº 39, 1945: 2.

<sup>98</sup> «Nuevas». Ano III, nº 36, 1945: 1.

<sup>99</sup> Ano II, nº 6, 1944: 6.

<sup>100</sup> Ano II, nº 9, 1944: 6.

<sup>101</sup> «Libros del mes». Ano III, nº 32, 1945: 7.

<sup>102</sup> Ano II, nº 24, 1944: 7.

<sup>103</sup> «Noticias do Brasil». Ano III, nº 38, 1945: 2.

<sup>104</sup> Ano II, nº 20, 1944: 6.

<sup>105</sup> Ano II, nº 23, 1944: 7.

<sup>106</sup> Ano III, nº 28, 1945: 6.

<sup>107</sup> Ano III, nº 29, 15-1-1945: 7.

<sup>108</sup> Ano III, nº 34-35, 1945: 6.

crítica literária e historiadora. Por ter participado activamente nas campanhas revolucionárias brasileiras, viu-se obrigada a exilar-se, em 1937, primeiro no Uruguay e depois na Argentina, onde permaneceu durante dez anos e onde casou com Newton Freitas. Em Buenos Aires, publicou em jornais e revistas e trabalhou como funcionária do Escritório Comercial de Brasil. A sua casa, aliás, foi um lugar de encontro para os intelectuais nas várias cidades em que viveu<sup>109</sup>.

Ela aparece como autora na revista, por exemplo, com um artigo sobre como se vêem a si próprios os brasileiros e como são vistos por María Rosa Oliver. A brasileira aproveita a oportunidade para referir alguns compatriotas escritores: Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Machado de Assis, Vinícius de Moraes e outros artistas<sup>110</sup>. A revista inclui uma bela fotografia da mulher com o objectivo de anunciar a publicação do seu livro *José Maria Paranhos, Vizconde do Rio Branco*<sup>111</sup>, que mais adiante aparece recenseado<sup>112</sup>. E depois dá-se conta, na capa de novo com o seu retrato, de *Condición de mujer*<sup>113</sup>. É nesta primeira etapa do seu exílio argentino, em 1944, quando Lorenzo Varela escreve em galego<sup>114</sup> *Catro poemas pra catro grabados* para o album de Luís Seoane *María Pita e tres retratos medievais* (Bernárdez, 2005: 54-56). O escritor, lembremos, pertence à geração de 1936<sup>115</sup>, a um grupo de intelectuais<sup>116</sup> que no exílio continuam o espírito universitário esquerdista dos anos da República, ponte entre a literatura<sup>117</sup> da pré-guerra e das novas promoções, nas palavras de López Bernárdez (1999: 29).

### *Cabalgata (1946-1948)*

Uma outra tentativa do nosso autor de reunir o mundo americano, espanhol e português de Brasil, reflecte-se nos objectivos de uma nova revista *Cabalgata. Quincenario Popular* (1946-1948), que dirigirão L. Varela e L. Seoane (F. Salgado, 2005a: 115), com um formato semelhante a *Correo Literario*. Alarga a sua distribuição a

<sup>109</sup> Alguns títulos: (1940): *Mauá y su época*. Buenos Aires: Americana. Há texto em port., 1942, *Mauá e seu tempo*. São Paulo: Anchieta. (1941): *Desarrollo industrial del Brasil*. Buenos Aires [s.n.] *et alii* (1942): *Un novelista argentino*. Buenos Aires. (1943): *Correspondência política de Mauá no Rio da Prata*. São Paulo. Editora Nacional. Prefácio e notas de Lúcia Besouchet.

<sup>110</sup> «El Brasil de María Rosa Oliver». Ano II, nº 9, 1944: 3 e 7.

<sup>111</sup> Ano III, nº 30, 1945: 1.

<sup>112</sup> «Una biografía brasileña». Ano III, nº 32, 1945: 6.

<sup>113</sup> Ano III, nº 39, 1945: 1.

<sup>114</sup> Cfr. F. Salgado, 2005a: 235, Blanco (2005: 40-44) ou García López (2005a).

<sup>115</sup> Cfr. Aznar Soler (ed.) (1995).

<sup>116</sup> Outros companheiros de geração podem ser Aquilino Iglesia Alvariño, Xosé María Álvarez Blázquez o Xosé María Díaz Castro (Quintá, 2005a: 31).

<sup>117</sup> Estudos sobre a obra em Insua (2005), Axeitos (2005), Albornoz (1976) ou Quintá (2005a).

vários países latinoamericanos, entre eles, em menor medida, ao Brasil (Pérez Rodríguez, 2005: 100). Não foi possível consultar esta revista, mas Axeitos (2003: 168-173), que comenta o conteúdo do número 0, 1 e 2, não menciona nenhuma contribuição para com as artes e a literatura brasileira, embora não queira dizer que não exista, aliás, porque como diz Andújar (1976: 82), entre a lista dos seus colaboradores está Newton Freitas.

#### 4.3. O exílio em Uruguay (1947-1952)

Problemas políticos, por exemplo, a subida ao poder de Perón, tinham obrigado em 1946 ao fecho da revista *Cabalgata* (Bernárdez, 2005: 49-52). O nosso autor vê-se impellido, mais uma vez, a emigrar agora para Uruguai. Assim, a partir de 1947, vai viver durante quatro anos (D. Salgado, 2005: 154, n. 26) em Montevideo. Ali, movimenta-se à volta da livraria de Élida Core, defende-se dando aulas de espanhol, profere conferências e colabora com a editorial Pueblos Unidos e com a galeria Arte Bella (Ferreiro Fente, 2005: 82 e F. Salgado, 2005a: 254), mas os vínculos com o mundo cultural brasileiro mantêm-se enquanto permanece em Montevideo. Além de fazer traduções para português, sabemos que está ao corrente do que acontece por carta enviada, em 1947, por Luís Seoane, onde este comenta a Lorenzo Varela, as actividades referentes a Carybé e ao pintor e muralista brasileiro Cândido Portinari. Um tempo depois, em 1951, o mesmo Seoane refere a Varela a edição de um livro de uma amiga brasileira, talvez Lúcia Besouchet: «A Élida le escribiré uno de estos días. Adelántale que o livro de nuestra amiga brasileira, está haciéndose siguiendo todas las indicaciones vuestras y que quedará muy bien» (*apud* Axeitos, 2005: 36-37).

#### 4.4. O regresso à Argentina (1952-1976)

Em Março de 1952, Varela está de novo em Buenos Aires onde vai continuar as actividades periodísticas, críticas e literárias. No que diz respeito à criação, publicará, em 1954, o seu último livro de poemas em galego, *Lonxe*<sup>118</sup>. A partir dessa altura, a sua actividade literária será cada vez mais esporádica, pois Varela dedicar-se-á essencialmente, ao jornalismo escrito e radiofónico. Durante este tempo, também proferirá conferências sobre arte<sup>119</sup> e literatura em diversos foros latinoamericanos, por exemplo, em 1962, no Museu de Arte Moderna de Rio de Janeiro, apresentará

<sup>118</sup> Mais informação sobre o conteúdo do livro em F. Salgado (2005a: 113).

<sup>119</sup> Um dos assuntos que mais o entusiasmaram foi a crítica de arte. Os últimos decénios da sua vida na Argentina dedicou-os a esta actividade. Nesse sentido, fará centos de recensões e várias monografias sobre o factor artístico, por exemplo, sobre um tema brasileiro, 'Para unas fotografías de Horacio Cópola sobre la obra de 'O Aleijadinho', publicado em 1955, em Buenos Aires (F. Salgado, 2005a: 293 e ss.).



exposições, organizará recitais de poesia e fará traduções de inglês, francês e de português de Jorge Amado (*Dona Flor e seus dois maridos*<sup>120</sup> e *Tenda dos milagres*<sup>121</sup>).

Em 1960, casará com Marika Gerstein (1906-1992)<sup>122</sup>, que será a sua companheira até o último dia de Lorenzo Varela, e que acabará por falecer em Las Palmas (Xosé Gregorio Ferreiro Fente, 2003:191).

## 5. O REGRESSO A ESPANHA (1976-1979)

Nos princípios dos anos setenta, o nosso escritor decide regressar a Espanha. A subida ao poder de Videla, em 1976, leva-o a tomar a decisão (F. Salgado, 2005a: 313).

Sai pela fronteira do Brasil, país onde permanece uma temporada até se mudar para Espanha. Vai viver esses dois últimos anos e meio a cavalo entre Madrid e Galiza. Em Madrid, primeiro na rua Ponzano, no andar de Isaac Díaz Pardo (Louzao Outeiro, 2007: 186), depois, em 1978, quando chega a sua mulher, vai residir na rua Almagro, onde falecerá (Ferreiro Fente, 1992: 550, n. 31).

Nesse tempo, Newton Freitas desempenha tarefas diplomáticas em Madrid na Embaixada do Brasil no momento do regresso de Varela a Espanha, pois na *Revista de Cultura Brasileña*, que editava a referida Embaixada, com data de Maio de 1971, há uma colaboração do mesmo.

Pelo testemunho de Inés Canosa sabemos que a amizade tinha continuado entre ambos ao longo de todos os anos: «Outro grande amigo, que pasaba tódalas mañáns a preguntarme por él, era o escritor brasileiro N. Freitas. Él traballaba na Ambaixada, dicíame que quería acompañalo, estar con él ... é dicir, que sentía a súa presenza e a súa solidariedade» (Mejía Ruiz, 2005: 123).

El matrimonio le convidaba a su casa y él iba con frecuencia. Eran muy atentos con él y se notaba que tenían ganas de acompañarle. Newton me pedía que le pusiese en el espejo del baño una nota diciéndole que había pasado a verle. Pero Lorenzo Varela no

<sup>120</sup> Existem várias reedições, por exemplo, de 1981 e de 1985 em Madrid: Alianza ou de 1993 em Barcelona: RBA.

<sup>121</sup> Há várias reedições, por exemplo, de 1971 e de 1972. Segundo Pérez Rodríguez (2005: 15) fez muitíssimas traduções de português e de francês quase todas sem assinar.

<sup>122</sup> Um filho de Marika, Ariel, lembra que Lorenzo Varela apareceu em casa entre 1945 e 1947 (Salgado, 2005: 115). De facto, há cartas anteriores, de entre os anos 50 e 51, dirigidas pelo escritor galego a Marika (Salgado, 2005a: 31).

contestaba y Newton se notaba que se quedada desconsolado. El brasileño se daba cuenta de lo que estaba pasando, que Lorenzo Varela desaparecía y se aislaba. Así que dejó de venir. Pero estuvo en el entierro de Varela en la Almudena<sup>123</sup> (Informaciones recogidas en una entrevista personal en julio de 2006).

Na galeria Sargadelos de Madrid continuava o seu vínculo com a produção brasileira: traduzia todos os días *Os Sertões* de Euclides da Cunha, segundo uma encomenda do crítico literario, Ángel Rama, para a editorial Ayacucho (Salgado (ed.), 2005: 85). Inés Canosa fala dessa tradução: «Se instalara nun ‘despachito’ da Galería Sargadelos, onde se ocupava polas tardes da tradución de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha» (Mejía Ruíz, 2005: 169-170).

Mas Varela queixa-se, em carta de 1976, ao casal Seoane desta tarefa: «Sigo con la tarea difícil e interminable de *Os Sertões*, que me maniat para muchas cosas, pues no me deja tiempo ni energía para nada. (Ahora estuve descansando unos días en el Castro, sin hacer nada [...]), pero ya comienzo mañana a traducir nuevamente» (*apud* Salgado (ed.), 2005: 92).

E este mal estar que sente resolve-se pelo abandono da tradução, como se vê na carta que dirige ao próprio Ángel Rama:

Confío haya quedado claro que entre las opciones que usted comprensiva y generosamente me daba, yo elegía la de renunciar a seguir por ahora la traducción de *Os Sertões*. Lo he meditado bien y he tomado esa resolución, que sin duda no es la que usted merece ... ni yo tampoco. [...] Adiós, pues, a *Os Sertões*, con renovadas peticiones de perdón. Espero tener ‘vacíos’ para terminarla (tengo 380 páginas en bastante buen estado) y ofrecerla a ‘Ayacucho’ para una edición futura o a alguna editorial española (*idem*).

Até aos seus últimos dias (morreu a 25 de Novembro de 1978 em Madrid, aos 61 anos de idade), o mundo cultural brasileiro esteve presente em Lorenzo Varela. Por exemplo, imagina partir para Paris e viver da tradução de livros brasileiros. As últimas referências que possuímos até a data, por ordem cronológica, sobre as relações que manteve com a cultura brasileira vêm através do texto que fez para o catálogo da exposição sobre o Brasil do fotógrafo galego José Suárez, que se apresentou na Casa do Brasil em 1977 (Axeitos, 2001: 161, n. 23). O Prólogo que escreveu para o livro de Valentín Paz-Andrade, em 1978, *A galecidade na obra de Guimarães Rosa*, curiosamente com uma introdução em português (pp. 5-7) do brasileiro Raulo Ronai, à qual Varela faz referência citando compridos parágrafos e a recensão sobre este mesmo texto, «Guimarães Rosa y Galicia», publicada no *El País*, o 28 de Janeiro de 1979 (F.

Salgado, 2005a: 126). Por último, o conhecimento que Varela tinha do mundo português vê-se refletido numa carta que lhe envia Carlos Gurméndez para lhe solicitar informação sobre obras de literatura ‘hispano-luso-americana’ porque tem postos de responsabilidade em Madrid em algumas editoriais (F. Salgado, 2005a: 305, n. 18).

Diz Lúcia Besouchet, em 1979, num texto inteligente, «O mistério Lorenzo Varela», onde a autora parece ter um refletido conhecimento do autor e da obra daquele a quem rende homenagem, que Varela é uma incógnita mas antes de mais nada é um poeta:

Só existe uma palavra apropriada para definir o poeta galego [...]: mistério. Aceitando a palavra mistério como o culto do hermetismo, como uma secreta reserva do ser, como a ocultação enigmática para exprimir-se à maneira dos autos medievais, a inexplicável personalidade poética de Varela não se enquadra senão dentro da palavra mistério (p. 17).

Pela escritora, sabemos que tinha proferido, em 1962, a conferência já referida sobre Juan Gris no Museu de Arte Moderna de Rio de Janeiro em que defendeu a ideia de que o pintor tinha vivido a sua vida ‘viviéndola en poeta’. Mas a autora intui que o nosso escritor estava a falar dele próprio, da sua vida como poeta<sup>124</sup>, não da do pintor espanhol: «Foi um poeta em busca da infância perdida numa terra húmida e verde, com vigor do paraíso e tendendo sempre à universalização através de dois idiomas que lhe eram afins, mas que não lhe foram ‘familiares’ no sentido mais estrito da palavra» (Besouchet, 1979: 20).

A escritora brasileira estará presente também em antologias, homenagens e noutras publicações que lembram a Varela, por exemplo, no volume que preparou Xesús Alonso Montero, *Dez poemas* em 1988. A presença do casal Besouchet-Freitas surge pela primeira vez na vida de Lorenzo Varela que saibamos, nos anos quarenta e torna a aparecer nos anos setenta em Madrid, últimos de vida do autor. Axeitos (2003: 291) recolhe uma sentida carta que enviou N. Freitas, imediatamente após o falecimento de L. Varela, a L. M. Baudi[zzzone], outro companheiro da etapa bonaerense<sup>125</sup>. Essa carta transmite a fluida amizade que havia existido entre ambos:

<sup>123</sup> «Probablemente los Freitas se fueron de Madrid entre el 79 y 80» (Entrevista a Inés Canosa em 2006).

<sup>124</sup> A mesma ideia de que Lorenzo Varela é essencialmente poeta é partilhada, por exemplo, por Axeitos (2001: 9).

<sup>125</sup> Luis M. Baudizzzone era advogado bonaerense; com ele partilharam conversas e editoriais Varela e Freitas.

Tive nesse tempo que ele passou em Madrid várias conversas com ele. Eram conversas gerais porque o Lorenzo não intimava com ninguém. [...] Às vezes referia-se (várias vezes notei em jantares aqui em casa) com saudade de você, do Seoane, do Cuadrado e também dos nossos tempos de B. Aires, cheios de esperanças, de ilusões (p. 291). Fechado a todos, mesmo aos mais íntimos, prevaleceu nele o pudor de revelar o talento que possuía. Como se se envergonhasse da inteligência que o povoava, como se estivesse invadido pelo temor de ser enfrentado, comparado, equiparado, classificado entre as múltiplas revelações intelectuais das pequenas glórias que via girar em torno, preocupadas apenas em persistir no Tempo que passa... O pudor de ser realmente o que era – Poeta, foi o maior afã de sua vida (p. 17).

Desde o outro lado, o conhecimento do mundo galego por parte de Newton Freitas deve ter continuado ao longo do tempo como o demonstra a forma em que se refere a muitos dos escritores, na carta já citada que dirige a L. M. Baudizzone: «Já estão aqui os Dieste, os Pardos [...]. O Laxeiro depois de prestar seus bons ofícios, viajou para Galícia [...]. Acabo de receber um telefonema do Paz Andrade».

A primeira menção desde Espanha que encontramos de Lorenzo Varela sobre os Newton é uma carta dirigida a sua mulher, desde Madrid em 1977. O tom da mesma indica que o casal brasileiro era uma referência cotidiana:

Los Newton y los Suárez, muy contentos con mi prólogo y con el Bergamín. Pero los Newton mucho más contentos con mi idea de presentar la traducción al portugués de Tirano Banderas que ya me hizo llegar y que en principio parece muy buena en Galicia. Más les va a alegrar, todavía, mi sugerencia de que se haga lo mismo en Lisboa y en Madrid (Salgado (ed.), 2005:96).

De Lorenzo Varela, diz M<sup>a</sup> Antonia Pérez Rodríguez (2005: 131 e 133) que há muitas colaborações repartidas em publicações mexicanas, argentinas e uruguaias, além daquelas outras que não levaram a sua assinatura para manter o anonimato política e socialmente desejado. Poder-se-ia procurar a sua etapa em Montevideo, no círculo da livraria de Élica Core e da galeria Arte Bella, nos jornais mexicanos (Salgado *et alii*, 2005: 20), aqueles nos quais colaborou durante a sua estadia em Buenos Aires, e as revistas, além dos programas radiofônicos e de televisão em que participou, para obter uma imagem completa do seu vínculo com as artes e as letras brasileiras. Deste modo, provavelmente, à medida que se conhecem as correspondências dos amigos com os quais Varela trocou cartas, assim como as revistas e jornais do Brasil da época, se irá cimentando a hipótese que confirma o seu conhecimento da cultura brasileira e a frequente relação que o autor teve ao longo da sua vida com escritores e artistas dessa nacionalidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Albornoz, A. (1976): «Poesía de la España peregrina: crónica incompleta». In J. L. Abellán (dir.), *El exilio español de 1939. Cultura y Literatura*. Barcelona: Taurus, vol. IV: 11-108.
- Alcalá, M. (1990): «Las vanguardias argentina y brasileña frente al espejo», *Cuadernos Hispanoamericanos* 480: 89-100.
- Alonso Montero, X. (1976): *Lingua e literatura galegas na Galicia emigrante*. Santiago: Xunta de Galicia.
- Alonso Montero, X. (1977): «El poeta gallego Lorenzo Varela retorna del exilio», *Triunfo* 763, 10-09-1977. Madrid; reproducido em *Madrygal* 8, 2005: 128.
- Alonso Montero, X. (1994): *As palabras no exilio*. Vigo: Edicións Xerais.
- Alonso Montero, X. (1995): *Lingua e literatura galegas na Galicia emigrante*. Xunta de Galicia.
- Alonso Montero (coord.) (2005): *Días das letras galegas. Lorenzo Varela. 2005*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Álvarez, R. & D. Vilavedra (eds.) (1999): *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó Profesor Xesús Alonso Montero*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Andújar, M. (1976): «Las revistas culturales y literarias del exilio en Hispanoamérica». In J. L. Abellán (dir.), *El exilio español de 1939. Revistas, pensamiento, educación*. Barcelona: Taurus, vol. III: 21-92.
- Axeitos, X. L. (1999): «A revista *Cabalgata*, outra publicación do exilio galego». In R. Álvarez & D. Vilavedra (eds.) (1999), vol. II: 153-159.
- Axeitos, X. L. (2003): «A revista *Cabalgata*, outra publicación do exilio galego». In *O exilio galego: un mapa de cicatrices*. Sada - A Coruña: Edicións do Castro: 15-174.

- Axeitos, X. L. (2003a): «Vida, paxón e morte de Lorenzo Varela». In *O exilio galego: un mapa de cicatrices*. Sada - A Coruña: Ediciós do Castro: 285-295.
- Axeitos, X. L. (2005): *Algunhas reflexións sobre o exilio e Lorenzo Varela*. A Coruña: Ediciós do Castro
- Axeitos, X. L. (2005a): «Cinco cartas de Luís Seoane a Lorenzo Varela (1947-1951)». In X. Alonso Montero (coord.), *Días das letras galegas. Lorenzo Varela. 2005*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: 25-38.
- Axeitos, X. L. (ed.) (2000): *Lorenzo Varela: Poesía completa*. A Coruña: Ediciós do Castro.
- Axeitos, X. L. (ed.) (2001): *Lorenzo Varela: Ensayos, conferencias y otros escritos*. II. A Coruña: Ediciós do Castro.
- Axeitos, X. L. & X. Seoane (1994): «Luís Seoane e o libro galego na Arxentina (1937-1979)». In X. L. Axeitos (ed.) *Luís Seoane e o libro galego na Arxentina [1937-1939]*. La Coruña: Diputación de A Coruña: 6-24.
- Aznar Soler, M. (ed.) (1995): *Las literaturas exiliadas en 1939*. Barcelona: Gexel.
- Bernárdez, C. (2005): *Lorenzo Varela: biografía e antoloxía*. Vigo: Xerais.
- Besouchet, L. (1979): «O misterio Lorenzo Varela». In Luís Seoane (ed.) *Lorenzo Varela. Homaxes*. A Coruña: Ediciós do Castro: 17-20.
- Besouchet, L. (1989): «Carybé». In B. Furrer, (ed.): *Carybé*. São Paulo: Odebrecht: 29-66.
- Bilbao, C., S. Noia & A. Lopo (coords.) (2005): *Trasterrados. Dicionario do exilio galego*. Santiago de Compostela: Galicia Hoxe.
- Blanco, C. (2005): «Ánxel Fole e Lorenzo Varela con Lugo ao fondo: o cervo ferido e o león». In X. Alonso Montero (coord.), *Días das letras galegas. Lorenzo Varela. 2005*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: 39-52.

- Callón Torres, C. (2005): *Unha historia que nos pertence. A poesía en galego de Lorenzo Varela*. Vigo: A Nosa Terra.
- Canosa, I. (2005): *Raigame* 21: 31-32.
- Correo literario*. Novembro 1943-Septembro 1945. Directores: A. Cuadrado, L. Seoane e L. Varela. Facsímile. Sada - A Coruña: Edicións do Castro, 1994. Prólogo: X. Alonso Montero.
- De mar a mar. Revista literaria mensual*. Dezembro 1942-Junho 1943. Director: Lorenzo Varela. Facsímile. Madrid/Vaduz: Topos Verlag AG, 1979.
- Díaz Pardo, I. (2005): *Raigame* 21: 33-37.
- Ferreiro Fente, X. G. (1992): «Once cartas a Lorenzo Varela: seis de Luís Seoane e cinco de Ernesto Sábato», *Grial* 116: 540-556.
- Ferreiro Fente, X. G. (1997): «Ánxel Fole e Lorenzo Varela: lembranzas dun tempo de ilusión». In X. Alonso Montero (ed.), *Día das Letras Galegas. Ánxel Fole. 1997*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: 81-88.
- Ferreiro Fente, X. G. (1999): «A poesía de guerra de Lorenzo Varela». In R. Álvarez & D. Vilavedra (eds.) (1999), vol. II: 529-554.
- Ferreiro Fente, X. G. (2005): *'Diccionario' Lorenzo Varela*. Santa Comba - A Coruña: TresCtres.
- Ferreiro Fente, X. G. (ed.) (2003): *Homenaxe. Sesenta e seis escritores falan de Lorenzo Varela (florilexio de textos sobre a vida, a obra e o home)*. Sada-A Coruña: Edicións do Castro.
- Ferriz, M<sup>a</sup> T. (1992): «La revista literaria *De Mar a Mar*: la cultura española en la Argentina de los años cuarenta», *Scriptura* 8-9: 341-357.
- Freitas, N. (1944): «Luis Reinaudi», *Correo Literario*, 26: 1.
- Freitas, N. (1971): «Notas sobre el teatro en el Brasil», *Revista de Cultura Brasileña* 31: 97-100.

- Freitas, N. (1979): «Réquiem para Luís Seoane», *Revista de Cultura Brasileira* 50: 97-98.
- Furrer, B. (ed.) (1989): *Carybé*. São Paulo: Odebrecht.
- García López, X. A. (2005): «En lembranza dos irmáns: un poema e algúns datos de interese sobre os anos e as amizades lucenses de Lorenzo Varela», *Dorna* 30: 117-129.
- García López, X. A. (2005<sup>a</sup>): «Poemas ignorados ou esquecidos de Lorenzo Varela». *In Congreso sobre Varela*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia: 195-239.
- Grillo, M<sup>a</sup> R. (1996): «La literatura del exilio». In L. de Llera Esteban (coord.), *El último exilio español en América*. Madrid: MAPFRE: 317-497.
- Insua, E. X. (2005): «Curadas do exilio. II», *Cerna* 45: 46-49.
- López Bernárdez, X. C. (1999): «Introducción». In Lorenzo Varela, *Poesía galega*. Vigo: Xerais: 11-48.
- López Bernárdez, X. C. (2005): *Lorenzo Varela. Vida e obra*. Vigo: Xerais.
- Lopo, A. (2005): *As tres mortes de Lorenzo Varela*. Vigo: Galaxia.
- Louzao Outeiro, M. (2005): «Entrevista. Isaac Díaz Pardo: «Nós non esquecemos nada», *Madrygal* 7: 181-187.
- Mejía Ruíz, C. (2005): «O soño de Lorenzo Varela», *Madrygal* 8: 123-129.
- Neira Vilas, X. (2001): *A cultura galega en Buenos Aires: 1950-1960. Discurso lido o día 17 de novembro de 2001 no Acto da súa recepción na Real Academia Galega*. A Coruña.
- Pérez Rodríguez, M<sup>a</sup> A. (2005): «Estudo introdutorio». In X. López García *et alii* (coords.), *Lorenzo Varela en revistas culturais de México e Bos Aires*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: 13-135.
- Quintá García, P. (2005): *Lorenzo Varela*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.



- Quintá García, P. (2005a): «Lorenzo Varela no contexto da poesía galega». In *Congreso sobre Lorenzo Varela*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia: 29-51.
- Rodríguez Fer, Cl. (1994): *A literatura galega durante a guerra civil (1936-1939)*. Vigo: Xerais.
- Rodríguez Fer, Cl. (1999): «Escritos de combate de Lorenzo Varela». In R. Álvarez & D. Vilavedra (eds.) (1999), vol. II: 1321-1343.
- Romance. Revista Popular Hispanoamericana* (1940-1941). México. Facsímile. 1974. Nendeln-Liechtenstein. Verlag Detlev Auvermann KG. Introd. de Antonio Sánchez-Barbudo.
- Salgado, D. (2005): «A poesía e o *Correo literario*. Aspectos». In X. Alonso Montero (coord.): 141-164.
- Salgado, D. (2005a): «A fin da esperanza: Lorenzo Varela no *Correo literario*». In *Congreso sobre Lorenzo Varela*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia: 87-98.
- Salgado, F. (1995): *Lorenzo Varela: crónica dunha vida atormentada*: A Coruña: Edicións do Castro.
- Salgado, F. (2005): *Lorenzo Varela. Memorias incompletas*. [A Coruña]: A Voz de Galicia.
- Salgado, F. (2005a): *Lorenzo Varela: A voz desterrada*. Sada - A Coruña: Edicións do Castro.
- Salgado, F. (2005b): *Lorenzo Varela: a voz desterrada*. Sada – A Coruña: Edicións do Castro.
- Salgado, F. (ed.) (2005): *Vinte e nove cartas de Lorenzo Varela*. Sada-A Coruña: Edicións do Castro.
- Salgado, F. et alii (2005): *Lorenzo Varela (1916-1978). Unha fotobiografía* Vigo: Xerais/Consello da Cultura Galega.
- Sánchez Barbudo, A. (1974): «Introducción». In *Romance. Revista Popular*.

Seoane, L. (1979): «Lorenzo Varela», *Grial* 64: 232-236.

Seoane, L. (ed.) (1979): *Lorenzo Varela. Homaxes*. A Coruña. Ediciós do Castro.

Silva, J. Cláudio da (1989): «As artes de Carybé». In B. Furrer (ed.) *Carybé*. São Paulo: Odebrecht: 140-166.

Soutelo Vázquez, R. (1998): «Memoria oral e identidade étnica da inmigración española a Latinoamérica no século XX: os galegos en Brasil, 1880-1970», *Estudios migratorios* 6: 99-124.

Varela, L. (1978): «Prólogo». In Paz - Andrade, V. Sada - A Coruña: Ediciós do Castro: 5-7.

Varela, L. (1979): «Prólogo». In *De Mar a Mar*: V-IX.

Varela, L. (1988): *Dez poemas*. Ed. estudio e notas de X. Alonso Montero. A Coruña: Ediciós do Castro.